

O COLÉGIO DOS INGLESINHOS EM LISBOA

Iolanda Ramos
Assistente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Isabel Lousada
Assistente de Investigação na Faculdade
de Ciências Sociais e Humanas

The college consists of a large four-storied building with a short wing and church. The walls are so thick that in two parts of the house a staircase has been constructed through them. The church is open to the public, for its dignified services and the ceremonies of Holly Week draw a crowded congregation. The interior of the building is replete in interest, with its roomy refectory, its extensive library, dormitory, assembly hall, infirmary, and the 'observatory'. From the last probably the best view in Lisbon is secured, for it is uninterrupted on all sides for quite fifteen miles.

(TOLE, p. 28)

A evocação de Tole, que remonta a 1920, serve o duplo propósito de ilustrar sucintamente a descrição física de um espaço, animado ao longo dos anos, e de pretexto, a fim de traçar o historial de uma instituição que se celebrizou no decurso de séculos de existência. O Colégio dos Inglesinhos (forma popular de Colégio dos Ingleses), objecto do presente estudo, estabeleceu pontes e estreitou laços de pendor cultural, religioso e político entre Portugal e a Grã-Bretanha, desde cedo unidos pela que é hoje a mais antiga aliança do mundo.

O Colégio dos Ingleses, localizado no Bairro Alto, na freguesia de Nossa Senhora das Mercês, junto à Rua dos Caetanos, "cuja Igreja com sua fachada irregular, e bem curiosa, abre para o Largo dos Inglezinhos" (ARAÚJO, p. 36) em Lisboa, continua, e tal como o nome indica, a evocar a presença da cultura britânica no nosso país. Tendo permanecido até aos nossos dias, esta edificação albergou diversas

instituições para os mais inúmeros e distintos fins, numa fase subsequente ao encerramento do Seminário. A título de exemplo, refira-se que, na década de 70, o British Council alugou as instalações do Colégio para salas de aulas, tendo o edifício ainda servido de sede à British Historical Society. Durante um curto espaço de tempo, pertenceu à Ordem de Malta passando a estar desde 1984 sob a responsabilidade da Santa Casa da Misericórdia.

Actualmente, continuam a ser levadas a cabo actividades de âmbito cultural no Colégio dos Ingleses. A capela tem sido utilizada para concertos e os corredores são frequentemente cenário de exposições de pintura. Recentemente tiveram ali lugar iniciativas ligadas às festas de Lisboa, tais como exposições artísticas e peças de teatro, bem como workshops de arquitectura, e serviu objectivos de divulgação ligados à Santa Casa da Misericórdia, tendo conquistado deste modo um espaço privilegiado no âmbito artístico-cultural português.

As obras portuguesas que fazem alusão a este colégio limitam-se a descrevê-lo em termos bastante superficiais, com excepção para a intitulada *Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artisticos de Portugal, nos successivos reinados da monarchia*, da responsabilidade de José Silvestre Ribeiro, sendo a maior parte da informação conseguida resultado da análise de obras inglesas, das quais salientamos *Historical Account of Lisbon College*, da autoria do Rev. Canon Croft.

Por ser de alguma forma difícil o acesso a bibliografia específica e por até hoje esta não se encontrar tratada de modo sistematizado, optámos por incluir, no final deste nosso estudo, as referências bibliográficas que considerámos mais pertinentes no sentido de identificar e apoiar futuros estudos na área de que no presente nos ocupamos.

De um modo geral, encontram-se duas versões tanto para o nome do fundador do Colégio, o português Pedro Coutinho e o inglês William Newman, como para a data da sua fundação, 1622 e 1632.

De quem partiu a iniciativa, de Coutinho ou dos ingleses? A dúvida subsiste. Pires de Lima, tal como as outras fontes portuguesas, atribui a iniciativa a Coutinho, "hum fidalgo muyto principal de Lisboa", que teria comunicado a sua intenção "aos inglezes catholicos que conhecia em Lisboa, os quaes o communicaram a seos confidentes de Inglaterra, que se alegraram muyto" (p. 106). No entanto, aponta 1632 como início da construção do seminário e 1644 como a data em que a igreja ficou concluída, tendo igreja e seminário sido dedicados ao Príncipe da Igreja católica, o apóstolo S. Pedro, que aliás viria a ser um dos patronos do colégio.

Ainda a propósito da iniciativa de erigir o English College, no Bairro Alto, cremos oportuno atentar no seguinte trecho de Norberto de Araújo, que aponta Coutinho como o mentor do projecto: "fidalgo muito piedoso, que projectou aqui erguer um Colégio para formação de religiosos" (ARAÚJO, p. 35). Araújo diz-nos também que: "Vieram para a Casa os padres irlandeses, católicos", (*Ibidem* p. 35) informação

inédita, que não encontramos registada em nenhum outro autor, à excepção de Helder Carita. (1)

Tanto as obras portuguesas como as inglesas em que se encontram referências ao Colégio dos Inglesinhos mencionam os laços de amizade que uniam D. Pedro Coutinho e o Rev. William Newman, cujo verdadeiro nome era Ralph Sliefeld.

Coutinho aparece referido como: "a wealthy Portuguese nobleman" (NORRIS, p. 16)," a wealthy Portuguese gentleman" (CROFT, p. 3), "fidalgo de grande zelo pela Fé de Cristo" (CASTRO, p. 381), "senhor e possuidor de umas casas ao Bairro Alto" (CASTILHO, p. 320), que se tornou íntimo de Newman. (2) De modo geral, as obras inglesas depreciam o contributo do nobre português (3) e mencionam que afinal o fundador se limitou a comprar o terreno e umas casas adjuntas, erigir uma pequena e imperfeita igreja e doar 150 libras anuais.

Contudo, não podemos esquecer que Coutinho transferiu todos estes bens para o clero inglês, tornando-se o Colégio propriedade britânica. No testamento, exigiu em troca a celebração perpétua de três missas quotidianas, o que foi cumprido até 1879, altura em que uma petição, com o propósito de lhes pôr termo, foi apresentada à Santa Sé pela Lisbonian Society, em nome dos padres do Lisbon College, datada de 28 de Maio de 1879 (4) e aceite pela Santa Sé em Junho de 1880.

Além do mais, e por vontade expressa pelo testamento do nobre português, foi estabelecido que, no caso de a Inglaterra se converter ao catolicismo, deixava Coutinho "a renda delle, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa". (5) No entanto, e como é do domínio comum, este sonho da conversão inglesa não chegou nunca a ser realizado, pelo que, até à extinção do Colégio em Lisboa, este foi pertença do Episcopado inglês. Contudo, viria, já nos nossos dias e em fase posterior ao seu encerramento, a pertencer à Santa Casa da Misericórdia, em conformidade com a decisão da Conferência Episcopal de Inglaterra.

Retomando a ligação existente entre Coutinho e Newman e na linha do que anteriormente dissemos, este último terá transmitido a Coutinho a intenção de estabelecer um seminário, mostrando-lhe a

(1) Ver "Colégio de S. Pedro e S. Paulo (Inglesinhos)", pp. 95-96: "[...] orientado por sacerdotes católicos, para educação de filhos de católicos ingleses e irlandeses [...]", p. 96. Embora a obra date de 1990, o autor aponta 1632 como data da fundação do colégio.

(2) Segundo ROSENTHAL, p. 10, foi o padre Newman quem entrou em contacto com "a devout Portuguese gentleman, Dom Pedro Coutinho".

(3) Norris, p. 16, à semelhança de Croft, p. 4, adjectiva de modo pouco lisonjeiro o fidalgo português: "old and whimsical".

(4) Ver CROFT, Appendix II, pp. 164-166.

(5) PORTUGAL/MATOS, p. 200. A título de curiosidade, lembramos as palavras de Michael Hagerty, no artigo "The Lisbon Scene. A Santa Casa da Misericórdia", in *The Lisbonian*, vol. XXXII, June 1968, n.º 1, pp. 22-4: "Unlike Britain, Portugal is not a welfare state, and the medical and related social services, which we take for granted at home, can often be a problem for the poorer members of the population. One of the aims of the Misericórdia is to alleviate this problem [...]" (p. 22).

propriedade adquirida por Nicholas Ashton. (6) "Coutinho, who had destined his own property for religious purposes, readily entered into the project and offered to erect at his own expense a regular College for the education of English Secular Priests". (7)

Com a precisa intenção de angariar apoios e levar adiante o projecto, Newman deslocou-se a Madrid em 1621 (CROFT, p. 3 e HENSON, p. xiii) a fim de obter a autorização de Filipe IV, então Rei de Espanha e Portugal, para fundar o colégio. Por Carta Régia de 20 de Novembro de 1621 (SILVA, p. 60), foi então autorizada a fundação de um Seminário de sacerdotes católicos ingleses em Lisboa, sob a inspecção do Inquisidor Geral, o primeiro dos quais foi D. Francisco de Castro, neto do vice-rei da Índia, D. João de Castro. (8)

Não obstante a oposição sentida na época relativamente à fundação de um novo colégio secular em Lisboa, "It was the desire and intention both of Newman and Coutinho that the Lisbon College should be placed under the direction of Secular Superiors. To this the Jesuits, who at that time had the superintendance of all the Continental Missionary Colleges, were, perhaps, naturally averse, and they offered strenuous opposition at the Court of Madrid to the College as projected", (9) conseguiu a esperada autorização da Santa Sé em Roma.

Coutinho declarara que, se se insistisse na direcção jesuíta, abandonaria o projecto. Assim se explica que só um ano mais tarde, por Bula Apostólica do Papa Gregório XV, datada de 22 de Setembro de 1622, (10) o Colégio de S. Pedro e S. Paulo em Lisboa fosse devidamente autorizado. 1662 fixa, assim, definitivamente, a data de fundação do English College em Portugal.

Na obra *English College, Lisbon*, o ano de 1622 é, pois, apontado como a data da fundação do Seminário, nos últimos anos do reinado de James I. Segundo o autor (ANÓNIMO, p. 6) um sacerdote inglês, Nicholas Ashton, (11) *Visitor to the Inquisition* para todos os navios estrangeiros que entravam no porto de Lisboa e capelão dos católicos ingleses residentes na cidade, tinha travado conhecimento com o nobre português Pedro Coutinho, descrevendo-lhe a situação precária

(6) Este utilizava o pseudónimo de Anthony Walwyn; chegado a Lisboa em Abril de 1597, projectou a fundação do colégio e, segundo Croft, pp. 171-172, procedeu, para esse fim, à compra de uma casa.

(7) CROFT, p. 3. Sobre o papel de Ashton, Coutinho e Newman, ver ainda HENSON, ...*Valladolid*..., p. xiii.

(8) A este propósito, lembramos que o cargo de *Protector* foi assegurado pelo Bispo Inquisidor Geral de Portugal, tendo passado por um curto espaço de tempo para o Bispo do distrito de Londres e posteriormente para o Núncio Apostólico de Lisboa, cf. TOLE, p. 27.

(9) Dodd, *Ecclesiastical History*, vol. IV, Appendix 51, *apud* CROFT, p. 3.

(10) V. CROFT, pp. 3-4 e Appendix N.º 1, p. 163, que reproduz excertos em latim da carta apostólica; TOLE, p. 27, confirma a data de 22 de Setembro; erradamente, o Anónimo, autor de *English College, Lisbon*, apresenta a data de 26 de Setembro.

(11) A grafia para este nome aparece indistintamente, consoante as fontes consultadas, como Ashton ou Aston, tratando-se contudo da mesma pessoa.

da Igreja Católica em Inglaterra, razão pela qual Coutinho terá decidido fundar um Seminário em Lisboa sob direcção do clero secular, o que provocou a oposição por parte dos Jesuítas na Corte de Madrid.

Importa salientar que Ashton era Jesuíta ⁽¹²⁾ e terá sido seu o projecto inicial tendente à constituição do seminário inglês em Lisboa. Para tal, como tivemos oportunidade de referir, adquiriu uma casa, que passou a ser conhecida como “English residency”, legada, aquando da sua morte, alguns anos depois, em 1605, a William Newman, também ele Jesuíta. ⁽¹³⁾ Deve ser no entanto recordado que, na época, existia uma forte rivalidade entre o clero regular e o clero secular. O Colégio de Lisboa, por vontade expressa de Coutinho, ficaria sob controlo do clero secular, em oposição ao domínio dos jesuítas. ⁽¹⁴⁾

A primeira descrição do colégio encontra-se numa carta datada de 18 de Dezembro de 1622, em que Newman se dirige a Bennet. ⁽¹⁵⁾

Bennet, agente do clero secular inglês em Roma, onde então se encontrava, dá conta da existência de uma residência em Madrid, dominada pelos jesuítas, que tinham convencido o Inquisidor-Geral a ajudá-los a tomar posse do colégio de Lisboa. Bennet viria algum tempo depois, e na sequência dos contactos feitos por Newman a recorrer à Santa Sé para obviar a oposição que se fazia sentir em relação ao Colégio de Lisboa.

Ao tentar traçar as linhas de fundo no tocante à história do colégio, torna-se um imperativo fazer alusão às indicações que pudemos colher respeitantes à figura do Rev. Joseph Heynes. ⁽¹⁶⁾ A tarefa de ultimar os preparativos com Coutinho e Newman foi incumbida pelo Dr. William Smith, Bispo de Chalcedon, a Heynes, *Archdeacon of the English Chapter*, vindo de Inglaterra em 1626, como consta nos Anais do Colégio e no Third Douai Diary:

⁽¹²⁾ CROFT, p. 2: “was attached to the church of the Jesuit Fathers, to whom belonged the appointment of the chaplain”.

⁽¹³⁾ CROFT, pp. 2-3 e 252-253 refere que Newman esteve inicialmente em Espanha e foi ordenado sacerdote no colégio de Sevilha que, tal como os outros colégios missionários continentais, estava na época sob direcção dos jesuítas.

⁽¹⁴⁾ Refira-se que a liderança Jesuíta também tinha sido contestada no colégio inglês em Roma, que adiante referiremos, mas continuou a ser exercida até à supressão da Sociedade em 1773.

⁽¹⁵⁾ A carta a que nos reportamos está transcrita in Anónimo, *English College, Lisbon*, pp. 7-8. Nesta obra, o primeiro nome de Bennet é Edward. Contudo, este nome próprio não aparece em nenhum outro autor, embora o apelido Bennet surja ligado a John. Com efeito, Henson fala de John Bennet e Croft refere a carta de 1622 e aponta John Benett como o destinatário da mesma. No entanto, Gillow, responsável pelo registo inserido no final da obra de Croft, em que são dados apontamentos biográficos para os diversos seminaristas e figuras co-relacionadas com o colégio de Lisboa, apresenta John Hanmer, também designado por John Bennet, fixando a data de 1635 como a do seu nascimento, o que conduz a um evidente paradoxo. A ser o mesmo, obviamente não poderia nunca ter sido o destinatário de uma carta registada com a data de 1622. Assim, optámos por incluir simplesmente o apelido Bennet, na medida em que constitui o único elemento coincidente.

⁽¹⁶⁾ Também mencionado como Hynes, Hervey e Harvey — v. CROFT, retrato p. 5 e nota biográfica p. 212; tinha sido aluno desde 1604 no Colégio dos Ingleses em Valladolid onde foi ordenado em 1609 — v. FOOTE, p. 25.

On June 12th (1627) the Revd Mr Joseph Haeynes, a priest and archdeacon in England, whe [sic] last year was sent to Lisbon in the Kingdem [sic] of Portugal by the most Revd Lord Bishop of Chalcodon [sic], Richard Smith, to the most illustrious Pedro de Coutinho to treat with him about erecting a College there for the English Clergy, came here to treat with the Rt Revd President about the same business. (17)

Em 14 de Novembro de 1628 já o Rev. Heynes tinha regressado a Lisboa, com um grupo de dez estudantes vindos do English College em Douai, na Flandres, (18) com o qual abriu o primeiro curso de teologia. O grupo inicial de alunos era composto pelos seguintes elementos: (19) Edward Daniel, Francis Oglethorpe, Nicholas Fortescue, William Ellis, Humphrey Ellis, Peter Nelson, Edward Stanley, William Talbot, Antony Morgan, (20) e Richard Arundel, cujos pseudónimos eram respectivamente: Pickford, Pavier, Foster, Edward Waring, Stephen Waring, Metcalf, Biddlecorn, Day, Saunders e Charnock. A utilização dos pseudónimos justifica-se por motivos de segurança, na medida em que as perseguições na época obrigavam à protecção da identidade pessoal.

Deliberou-se que deveriam existir dois professores de Teologia, de forma a que se pudessem ocupar respectivamente das vésperas e das laudes. O primeiro grupo de estudantes chegou a Lisboa acompanhado pelo Rev. Mark Harrington, *Bachelor of Divinity* pela Sorbonne, que seria o professor da tarde. Por seu turno, o professor da manhã seria Henry Mailer (CROFT, p. 6, indica a ortografia Mayler), Doutor de Sagrada Teologia pela Sorbonne e amigo pessoal de Heynes, embora vivesse em França, motivo pelo qual só chegaria ao Colégio de Lisboa no dia 24 de Dezembro de 1628.

A abertura pública da escola foi marcada para 22 de Fevereiro de 1629, mas, nesse mesmo dia, antes de a escola abrir, o seu primeiro Presidente, cujo mandato foi exercido entre 1627 e 1629, o Rev. Joseph Heynes, morreu. Foi enterrado na capela (CROFT, p. 6), pelo que a abertura oficial teve lugar somente dois meses depois. O Dr. Mailer inaugurou as instalações em 25 de Abril de 1629.

A Heynes sucedeu como Presidente Thomas Blacklow, também referido como White. Nascido em 1593, chegou a Lisboa em Maio de 1630, tendo assumido o cargo de presidente do colégio até 1633. Ficou conhecido pelos seus inúmeros escritos que, na época, suscitaram forte polémica, sobretudo por contestarem a infalibilidade do Papa. Além de teólogo, teve mérito no domínio da matemática, sabendo-se que foi amigo quer de Hobbes quer de Descartes. Enquanto presidente

(17) *Apud* FOOTE, p. 23. Os itálicos são da nossa autoria.

(18) Localização indicada por NORRIS, p. 16 e FOOTE, p. 24, enquanto que outras fontes indicam o Norte da França.

(19) A listagem dos nomes dos primeiros alunos pode ser consultada na obra de FOOTE e de CROFT.

(20) Ortografia adoptada por CROFT, p. 4, ao passo que FOOTE, p. 62, menciona o mesmo aluno utilizando a grafia Anthony.

do Lisbon College, distinguiu-se por ser o mentor das Regras, que se traduziram em linhas orientadoras para o funcionamento interno do colégio. Torna-se particularmente importante aludir a estas regras, na medida em que se distanciaram significativamente das estabelecidas em Douai e nas instituições congêneres. Através delas, "the government of the Lisbon House was vested in the Bishop of Chalcedon and his successors in the Vicariate of London. To them was given the nomination of the President whom they could remove at pleasure, and the confirmation of the Vice-President and the Confessarius. The President is not absolute in his authority, but has a Council of the other Superiors, to whom he is obliged to submit the consideration of all matters of importance and in which he has only a casting vote". (CROFT, p. 8)

No reinado de D. Afonso VI, entre 1662 e 1683, foram aprovados e publicados os estatutos deste colégio (RIBEIRO, p. 134). Nos finais de 1640 o colégio obteve permissão para conceder os graus de bacharelato e licenciatura. As matérias ensinadas eram latim, inglês, filosofia, teologia e controvérsias. À semelhança de muitas outras famílias portuguesas, Júlio de Castilho diz-nos que, na infância, acompanhado por senhoras da família, assistiu aos serviços religiosos na Igreja do Colégio. Foi no Colégio Inglês que iniciou o estudo do latim com o Rev. José Ilsley. Parece-nos oportuno deixar registada uma das descrições da Igreja (LIMA, p. 106): "A igreja nam só tem sufficiente grandesa mas ainda mays da que era necessaria, e posto que nam ha nella riqueza de ornato, nam lhe falta porem limpeza e asseyo e nos altares a decencia devida." Não podemos também deixar de realçar as palavras de Brockwell, escritas em 1726, pois a menção à igreja e Seminário em geral traduz uma perspectiva claramente anglicana: "[...] It were to be wish'd, that such Gentlemen that happen to be educated in this or any other *Popish* Seminary, may be instructed in such Principles, that may not be destructive of the present happy Government of our glorious Prince King *George* [...] here Youth are by these Tutors educated, and when ripe, for Mischief sent Missioners into *England*; their Dependance is chiefly upon the Charity of the Papists in *England* [...] their Church is very neat, in which are five Chappels or Oratories, one whereof is dedicated, to *Thomas Beckett*, and mightily resorted to, both by *English* Papists and *Portuguese* [...]" ⁽²¹⁾

Designado como Colégio de S. Pedro e S. Paulo, ficou conhecido pelos britânicos como English College e pelos portugueses como Colégio dos Inglesinhos, por albergar jovens cidadãos ingleses. Constitui o estabelecimento britânico mais antigo em Portugal.

A criação deste colégio para padres seculares pretendia fundamentalmente evitar que a religião católica fosse extinta em Inglaterra. Para tal, jovens das Universidades de Oxford e Cambridge, pertencentes a antigas famílias católicas inglesas, desafiaram as leis penais

⁽²¹⁾ Pp. 183-184. As palavras em itálico são do texto original.

então vigentes e atreveram-se a partir para o Continente a fim de serem ensinados e ordenados no então proibido sacerdócio.

Os futuros missionários regressavam a Inglaterra muitas vezes disfarçados de mercadores:

[...] era muy facil a passagem por razam dos muytos navios inglezes que frequentavam o porto de Lisboa, aonde, tendo acabado os seus estudos e ordenados sacerdotes, se podiam facilmente embarcar em habito de mercadores, e tornando a sua patria ajudar spiritualmente a seus naturaes tam necessitados de ministros catholicos pera se conservarem na verdade da Fé. ⁽²²⁾

De facto, o regresso a Inglaterra de clérigos educados no estrangeiro representava *per se* uma manifesta exposição a inúmeros perigos. Se por um lado os portos, na época, se encontravam já sob cerrada vigilância, por outro, até mesmo nos colégios onde os sacerdotes tinham recebido as sagradas ordens, existiam espíões cuja especial função era a de, assim que surgisse a oportunidade, os traírem, fornecendo para tal as suas descrições físicas, de modo que muitos eram presos logo à chegada. Mas, ainda que desembarcassem em segurança e se abrigassem numa casa católica, tinham de se deslocar disfarçados e usando falsos nomes (daí todos terem pseudónimos), vendo-se amiúde obrigados a mudar de esconderijos, receando constantemente ser capturados e chegando mesmo a ter de se manter escondidos durante meses (*A Short History of the Catholic Church in England*, pp. 411-12).

O panorama que se vislumbra não era risonho e futuramente muitos viriam a ser mártires. ⁽²³⁾ Contam-se entre os seus estudantes mártires como o padre William Lloyd, ordenado em 1638, e o padre Thomas Blount, ambos condenados à morte em 1678 após a *Oates Plot* (TOLE, p. 27; cf. CROFT, pp. 198 e 178, respectivamente).

O século XVII continuou, assim, a traduzir as lutas religiosas iniciadas anteriormente. Após a repressão do período republicano e puritano, criaram-se condições para uma maior tolerância quando Charles II, em 23 de Junho de 1661, assinou em Paris o contrato de casamento com Catarina de Bragança, iniciando-se um novo capítulo na história da Igreja católica em Inglaterra. ⁽²⁴⁾ Com efeito, ao escolher uma princesa católica como consorte, o rei garantiu-lhe o livre exercício da sua religião, bem como aos que a acompanhavam. No tratado, o rei de Portugal cedia a cidade e fortaleza de Tânger e

⁽²²⁾ LIMA, p. 104 — ver o capítulo "Do Seminario chamado de S. Pedro dos Collegaes Inglezes", pp. 105-7.

⁽²³⁾ Em 1574, os primeiros seminaristas, provenientes de Douai, chegaram a Inglaterra. A primeira vítima foi o Rev. Cuthbert Mayne, o proto-mártir do Colégio de Douai. *A Short History of the Catholic Church in England*, p. 408 e 409. Esta obra passará a ser designada pela abreviatura *Hist Cath*.

⁽²⁴⁾ A propósito, lembramos que existe uma Catholic Record Society, fundada em 10 de Junho de 1904 com o objectivo de publicar Registos e outros antigos Records of the Faith, principalmente pessoais e genealógicos, desde a Reforma em Inglaterra e Gales.

Bombaim ao rei da Grã-Bretanha, que garantia liberdade de culto à população portuguesa que permanecesse na cidade após a sua transferência (cf. WEALE, p. vii).

Refira-se ainda que, apesar de Charles II não ter em vida confessado a sua fé, antes de morrer, em 1685, aceitou a oferta de seu irmão para receber a comunhão católica, ministrada por um padre chamado Huddleston (Hudleston, in WEALE, p.xx). Contudo, foi mantido sigilo, porque a reconciliação com a Igreja Católica continuava a ser considerada alta traição (*Hist Cath*, pp. 449-450).

Foi o Papa Gregório XV, ⁽²⁵⁾ como dissemos, quem concedeu ao Colégio dos Inglesinhos, em Lisboa, os privilégios já anteriormente concedidos aos colégios em funcionamento noutros países. Em resumo, foram fundados colégios em Rheims, Douai, Roma, Valladolid, Lisboa, Sevilha, Tournai e Madrid. ⁽²⁶⁾ Com efeito, a fundação de um colégio pontifício inglês em Portugal, sob jurisdição directa do Papa, deveu-se ao êxito alcançado com outras instituições congêneres em países como Itália, mais precisamente em Roma, e Espanha, nas cidades de Valladolid e Madrid.

O colégio de Valladolid foi fundado ainda no século XVI, mas mais tarde do que o colégio de Roma, pelo Padre Robert Persons, jesuíta, com os mesmos objectivos de índole religiosa.

Muito pouco foi impresso sobre o Colégio Inglês de S. Jorge em Madrid, que se terá iniciado como uma residência dirigida pelo Padre Persons, e fundado como colégio por um nobre italiano, Caesar Bogacio, em 1611 (cf. HENSON, p. vi) para doze jovens ingleses sob direcção de um Reitor e um ou dois padres ingleses para os prepararem para futuras missões católicas em Inglaterra contra os hereges (*ibidem*, p. 369).

Quanto ao colégio de Roma, comemorou o seiscentenário em 27 de Janeiro de 1962; em 1918 celebrou-se o primeiro centenário da sua reabertura depois da ocupação francesa; de 1940-6 assistiu-se a um período mais conturbado, que levou ao seu desactivamento, tendo sido ocupado pela Ordem dos Cavaleiros de Malta. Já no período pós-guerra retomou o seu normal funcionamento.

Não é possível identificar as origens dos seminários ingleses no Continente sem nos determos na proeminente figura que foi o Dr. William, depois cardeal, Allen, *divine* de Oxford, *fellow* de Oriel

⁽²⁵⁾ Alessandro Ludovisi, foi Papa de 1621 a 1623. Fundou a Congregação da Propaganda, promoveu missões e canonizou Inácio de Loyola, Francisco Xavier e Teresa de Ávila, entre outros.

⁽²⁶⁾ De acordo com TOLE, pp. 26-28, só três permanecem até 1927 como *corporate institutions*: Roma, Valladolid e Lisboa. O autor esclarece que até à guerra civil espanhola o curso frequentado nos seminários era equivalente ao universitário, ou seja, quatro anos de teologia e três de filosofia. Como em Lisboa não existia, na época, nenhuma instituição que conferisse o título de Doutor em Teologia, hoje em dia conferido pela Universidade Católica, o Colégio dos Ingleses teve por algum tempo o direito de conferir esse grau académico aos seminaristas. Refira-se que Tole foi aluno do Colégio de Lisboa cerca de seis anos, entre 1920 e 1927, tendo assistido, em 1922, à comemoração do tricentenário da sua fundação.

College. Allen tinha sido um *dignitary* durante o reinado de Mary Tudor mas, com a subida ao trono de Elisabeth I, foi afastado de Oxford pelo *Test* prescrito pelo *Act of Uniformity*, pelo que deixou o país, passando a residir na Flandres. Em 1568, com a ajuda de alguns sacerdotes ingleses exilados e do Dr. Vendeville, que o tinha convidado para Douai, levou a cabo o projecto que impediria a extinção da fé católica em Inglaterra, através da criação de um seminário destinado a educar e preparar sacerdotes que se dedicariam a perpetuar e disseminar o catolicismo no seu próprio país. Muitos clérigos de Oxford e Cambridge, na época espalhados por várias universidades em França e Flandres, responderam prontamente ao apelo. O número de membros do Colégio chegou a centena e meia, dos quais oito ou nove eram eminentes *Doctors of Divinity*, sob a direcção do Dr. Allen, o primeiro Presidente do Colégio (cf. CROFT pp. 1-2, e *Hist Cath*, p. 408). Este seminário de Douai, apoiado financeiramente por nobres e instituições eclesiásticas estrangeiras, depressa se encheu de estudantes desejosos de propagar a sua religião. Estudavam teologia, recebiam as sagradas ordens e regressavam a Inglaterra para manter viva a Fé e reconverter aqueles que tinham aderido à nova religião.

Douai tornou-se desta forma a Mãe de instituições semelhantes no resto da Europa onde sempre foi considerada como o modelo a seguir.

É de salientar que a ideia do Cardeal Allen no sentido de promover a educação eclesiástica e enriquecer a Igreja em Inglaterra com as tradições e saber da vida académica (cf. SULLIVAN, p. 6 e 8), para o que se tornava imperioso fundar seminários no estrangeiro a partir de Douai, não tinha fins políticos. Os seminaristas católicos não eram agentes políticos, e o objectivo das missões era espiritual, isto é, a propagação da Fé e a salvação de almas. Contudo, as leis inglesas condenavam a dissidência religiosa por motivos políticos e económicos.

Com efeito, no período isabelino, os padres seminaristas eram vistos como emissários políticos de Roma, enviados para instigar a traição no reino, uma vez que se admitia liberdade de opinião religiosa mas não liberdade de culto. Assim, a não comparência aos serviços da religião estabelecida era considerada deslealdade à Coroa, e o Parlamento, que, através do *Test Act*, se tinha tornado numa instituição protestante, declarou ser traição o desembarque de padres e crime abrigá-los (cf. *Hist Cath* p. 409).

Em vinte anos foram executados 150 padres e muitos morreram na prisão. O maior número de mártires registou-se em 1585 quando o parlamento declarou ser alta traição permanecer em Inglaterra após a ordenação pela autoridade papal. A mesma lei declarou ser crime, punível com a morte, abrigar um padre. A diferença entre o castigo de um padre e de um leigo era de que o leigo era enforcado até à morte, enquanto que o padre era linchado vivo (cf. *Hist Cath* p. 409). Recorrendo aos antecedentes históricos, o facto é que Elisabeth I começou por acreditar que a supressão da antiga crença se faria com

o *Oath of Supremacy* imposto sobre o clero e certas classes laicas e com a substituição da Missa pelo culto segundo o *New Prayer Book*, ambos impostos com severas punições. Assim se conseguiria a extinção gradual do clero católico e a sua substituição pelo anglicano. Muitos sacerdotes católicos tinham fugido do país e outros, muitas vezes já de idade avançada, foram recebidos em casas de nobres, como capelões, e por isso não foram alvo de perseguição, uma vez que se pensava que, com o tempo, o catolicismo se iria extinguir naturalmente com a falta de sacerdotes (cf. CROFT, p. 1).

Mas não era fácil erradicar a antiga Fé, graças ao sacrifício dos clérigos, sobretudo seculares:

For the first sixteen years of the schism, from 1558 to 1574, the preservation of the Faith was due to the priests, some regular, but mostly secular, ordained in the previous reign, and to them alone. Some of these, from the prisons to which they were consigned for the remainder of their days, bore witness to the Catholic faith for which they suffered. Others, exiles from their native country on account of their religion, aided from abroad, by their writings, the Catholic cause in England. But a large number, especially of the parochial clergy, remained steadfast at their posts [...] (27)

No entanto, embora muitos dos antigos padres continuassem a servir como capelões em famílias privadas, muitos dos clérigos mais eminentes refugiaram-se no estrangeiro, o que se reflectiu inclusivamente na perda de qualidade das Universidades:

Great numbers of the most eminent clergymen went abroad; and there was scarce any university in France, Italy, or Flanders, but one or more might be found in them. [...] In the beginning of the reign of Queen Elizabeth, the University of Oxford was so empty after the Catholics had left it after the alteration of religion [...] the Universities are left in the most lamentable condition. The persons left were so few and so illiterate [...] (28)

Os fundadores do Colégio estavam conscientes de estarem a criar “a daughter of Douai”. A este propósito, não podemos deixar de mencionar um relato contemporâneo da viagem de Douai para Lisboa, traduzida de um manuscrito em latim pelo Padre Michael Sharratt, de Ushaw College, Universidade de Durham, editado por James Foote. (29) O manuscrito, intitulado *Plantatio et Progressus Collegii Anglorum Cleri ex Duacena Missione Ulyssiponem in Portugalia Translati*, de

(27) Thomas F. Knox (ed.), *Douay Diarles, First and Second*, Prefácio, p. lxi. *Apud Hist Cath*, p. 402.

(28) Dodd, *Church History*, vol. II, p. 8. *Apud Hist Cath*, p. 403.

(29) “From Douai to Lisbon”, in *The British Historical Society of Portugal. Sixth Annual Report and Review 1979*, pp. 22-68.

acordo com o padre Sharratt, será da autoria de um dos viajantes de 1628, embora não tenha conseguido identificar qual deles, e a data provável da sua escrita será 1633.

No jantar da véspera da partida, que iria ter lugar a 25 de Agosto, o Presidente do colégio de Douai, Rev. Kellison, na presença de Heynes, fez sentir ao grupo de alunos a responsabilidade que os esperava:

[...] You have been set aside for a new work, new stones for the tower of David. Notice that this is a new kind of structure and a new way of building, for you are both the stones and the builders. [...] Always keep before your eyes the fact that you are the first builders of a new work, the first alumni of a new College. The eyes of all, whether wellwishers or enemies, are turned towards you; hasten to give the former cause to rejoice and see to it that the latter are disappointed (FOOTE, pp. 34-35).

O relato confirma dados conhecidos, relativos ao papel desempenhado por Pedro Coutinho, Padre William Newman e Padre Joseph Heynes, mas fornece-nos muitos mais pormenores sobre as peripécias da viagem, que decorreu de Agosto a Novembro, e até algumas informações de grande interesse histórico. Por exemplo, ficamos a saber que, por intermédio do Padre Joseph, o Cardeal Richelieu prestou um auxílio precioso aos viajantes. A citação, um pouco longa, justifica-se pela exposição das circunstâncias que conduziram a um bem-vindo auxílio monetário:

[...] Father Joseph [...] was mocked as a Spaniard — the French hate the Spaniards — but he was led by the better sort to the house of Cardinal Richelieu, who was General and Commander of the whole army. Joseph approached him because the Cardinal had had our Bishop of Chalcedon (Richard Smith) as part of his family when he (Richelieu) was at the very beginning of his career, thinking that he had obtained a suitable man to advise him and one in whose footsteps he could follow closely. Richelieu treated him with singular favour while he was in his household [...]

Joseph wanted to use this as a ground to elicit the kindness of the Cardinal towards us, but he was not admitted to his presence since His Eminence was taken up with more important matters. So Joseph sent a servant with a message to the Cardinal, saying where we came from and that we were going to Spain (sic) to found a College by order and authority of the Bishop of Chalcedon, that we had been overtaken on the way by unexpected difficulties and were short of money and so were asking him in his piety to support us exiles and wanderers for that faith for which he too had done great things against the perfidious heretics.

When he heard this the Cardinal sent back by the same servant ten French crowns. [...] ⁽³⁰⁾

O manuscrito elucida-nos sobre vários pormenores quanto à chegada a Lisboa, no dia 14 de Novembro de 1628, e à evolução dos acontecimentos (FOOTE, pp. 63-68). A primeira impressão sobre a cidade é extremamente favorável:

[...] I think there can scarcely be any city in the world which looks more magnificently impressive or better sited as you approached it.

(*Ibidem*, p. 63)

Este grupo testemunhou igualmente as obras no Colégio, ⁽³¹⁾ dirigidas por Newman e Walter Yates, uma vez que o patrono, D. Pedro Coutinho, se encontrava na Corte em Madrid e incumbira o primeiro de tratar da casa e o segundo de receber as rendas e pagar aos trabalhadores.

Ao fazer o elogio do trabalho incansável do Padre William Newman, o autor do manuscrito não deixa de aludir ainda à oposição de “those very powerful men, the Jesuits, who tried, now by threats, now by calumny, to put a stop to the work” (FOOTE, p. 64). Encontramos igualmente a descrição da morte do Padre Joseph Heynes, que foi enterrado na capela (*Ibidem*, pp. 66-67). O autor faz questão de salientar que, sem o empenhamento destes dois sacerdotes, não teria sido possível levar adiante o projecto tendente à edificação do seminário, dada a ausência do patrono português.

Parece-nos, contudo, ser de alguma forma tendenciosa a opinião frequentemente depreciativa em relação a D. Pedro Coutinho por parte de alguns autores. Embora este nobre português tenha estado ausente do país, ao permanecer na Corte de Madrid desde 1628, não consideramos este facto impeditivo de continuar as obras de benemerência em que desde cedo se empenhou. O Colégio dos Ingleses não terá sido, portanto, excepção. Se por um lado, e dada a necessidade de se deslocar para Espanha, deixou dois procuradores encarregados de prosseguir a obra recentemente iniciada, o que revela o seu interesse pela conclusão do projecto, por outro lado a especial menção de William Croft às obséquias fúnebres, após a morte de Coutinho, em Abril de 1638, reforça a nossa perspectiva:

His funeral obsequies were performed with a degree of splendour, till then unexampled in Portugal in the case of a private person. All the Religious Communities in the city,

⁽³⁰⁾ FOOTE, pp. 48-49. Apesar da influência de Richelieu, Carlos I não consentiu que o bispo católico de Chalcedon regressasse a Inglaterra — Richard Smith, bispo de Chalcedon e Vigário Apostólico de Inglaterra, recebeu a sagração em 12 de Janeiro de 1625 e morreu em 18 de Março de 1655. Cf. WEALE, p. viii.

⁽³¹⁾ A construção da igreja e restauro dos edifícios já existentes no terreno comprado por Coutinho demorou cinco anos, isto é, de 1622 a 1627 — cf. NORRIS, p. 16 — o que justifica a sua ocupação apenas no ano seguinte.

together with the majority of the Secular clergy attended, and great numbers of the poor, to whom his purse had always been open,swelled the procession. His body was interred in the Franciscan Church of St. Jozè [sic] de Ribamar, to which he had been a benefactor. It is situated on the right bank of the Tagus,about five miles below Lisbon, where his tomb may be seen with the following epitaph inscribed upon it.

Aqui jaz quem foi Dom. Pedro Coutinho. (32)

O seu brasão, colocado em lugar de destaque no edifício, foi utilizado como emblema do próprio colégio, o que por si só aponta para o efectivo reconhecimento do seu contributo: "The arms of the College — a shield with five stars, surmounted by a visored helmet with crown and lion — are those of Coutinho. They are to be seen above the main door of the Chapel and were probably removed to this site from the original entrance to the *quinta* donated by Coutinho." (ROSENTHAL, p. 10)

Não restam dúvidas de que as notícias deste colégio se centram em homens insígnies que aí estudaram e se revelaram, salientando-se de entre todos o exemplar Richard Russell, que se distinguiu no ramo da diplomacia.

O Dr. Russell (1630-1693) foi um dos mais famosos membros do Colégio. Veio para Portugal aos 13 anos para ser criado do Dr. Edward Daniel, que fizera parte do grupo inicial de dez seminaristas e que desempenhou o cargo de 5.º Presidente do Colégio de Lisboa, entre 1642 e 1648. Em 1647, Russell tornou-se seminarista, fez votos no Colégio de Douay em 1653, esteve em França e regressou a Lisboa em 1655 como procurador do colégio, tendo sido nomeado professor de inglês de Catarina de Bragança, então com 17 anos. Regressou a Inglaterra, acompanhando D. Francisco de Mello de Torres, embaixador da Corte de Lisboa no tempo de Charles II. O embaixador ficou impressionado com a sua conduta e trabalho, e durante os três anos e meio em que D. Francisco permaneceu em Inglaterra, o Dr. Russell prestou à Embaixada importantes serviços. De regresso a Lisboa em 1660, foi apresentado à rainha D. Luísa de Gusmão, que o recebeu com a mais calorosa reverência e reconhecimento pela sua boa conduta na obtenção de mérito para Portugal. Foi-lhe concedida uma soma considerável de dinheiro e uma pensão por mês, além de ter sido honrado com o título de Secretário da Rainha. Desempenhou um papel fundamental nas negociações do casamento entre Charles II e D. Catarina, e, depois de recusar o cargo de Bispo das ilhas de Cabo Verde, permaneceu na Corte na qualidade de preceptor inglês da Infanta, a quem acompanhou a Inglaterra em 1662.

A Infanta partiu no dia 23 de Abril de 1662 sob escolta de Dom Francisco de Mello de Torres, a quem pouco tempo antes tinha sido

(32) CROFT, p. 15. Trata-se do Convento de São José de Ribamar, pertencente aos Franciscanos — Arrábidos, conforme consta das *Chronicas Seraphicas*.

concedido o título de Marquês de Sande. Além de Richard Russell, entretanto eleito *Canon* pelo *English Chapter* em 26 de Junho de 1661, o grupo era composto pelo padre Jesuíta Antonio Fernandez, confessor da princesa; por um padre Irlandês, Patricio Ghineo; e pelo Dr. Thomas Godden, tutor de inglês da Infanta. Não tinha havido casamento por procuração e Charles II, perante a insistência da noiva num casamento católico, acabou por ceder, tendo a cerimónia nupcial católica sido celebrada, em segredo, nos aposentos da Infanta em 21 de Maio. Este casamento foi feito por Lord d'Aubigny na presença do embaixador português, do padre Philip Howard, de Richard Russell, de alguns nobres portugueses e de algumas damas de companhia de Catarina. Posteriormente, e ainda no mesmo dia, foi celebrada em público uma cerimónia protestante, em Portsmouth, conduzida pelo Dr. Gilbert Sheldon, na qualidade de bispo de Londres.

É frequentemente referido o grande protagonismo de Russell, a quem chega a ser atribuída a responsabilidade de ter conseguido que a Índia passasse a integrar o Império Britânico, uma vez que Portugal ofereceu Bombaim como parte do dote da Infanta Catarina (cf. ANÓNIMO, pp. 10-11 e NORRIS, p. 19). Em nosso entender, e na medida em que se reconhece a estima grangeada pelo Marquês de Sande a Richard Russell, não parece estranho que este tenha exercido alguma pressão junto do então embaixador. Contudo, consideramos excessiva a leitura feita por alguns historiadores no sentido de conferirem ao sacerdote inglês tamanho feito.

Apesar de estrangeiro, Russell dominava perfeitamente a língua portuguesa. Depois de voltar a Portugal, o Príncipe Regente D. Pedro nomeou-o em 1671 Bispo de Portalegre, uma distinção singular para um sacerdote inglês. Recebeu a sagração no Colégio dos Ingleses em Setembro, onde residiu até partir para Portalegre em Janeiro de 1672. Em 1685, por benefício de D. Pedro II, foi transferido do bispado de Portalegre para o de Viseu, onde ocupou o lugar de Bispo até à data da sua morte, aos 63 anos de idade.

A eterna lembrança da nação portuguesa é evocada nas seguintes palavras: "Sempre a terá no nosso agradecimento o Bispo D. Ricardo Russell, Inglez de nação. A Rainha D. Luiza o enviou a Inglaterra a certas dependencias, que concluiu felizmente em beneficio da Coroa de Portugal" (*Crónica*, p. 615).

O reconhecimento do grande mérito de Richard Russell pode ainda ser traduzido pelo facto de lhe ter sido concedida a nacionalidade portuguesa, sem ter de renunciar à cidadania britânica, uma vez que tão habilmente servira a Coroa de Portugal. ⁽³³⁾

Na sequência da vasta panóplia de insígnies figuras ligadas ao Colégio dos Inglesinhos, passamos a salientar aquelas que, por se encontrarem vinculadas aos mais significativos momentos na história desta instituição, não podem deixar de ser mencionadas, razão pela

⁽³³⁾ Sobre Russell, ver ALMEIDA, pp. 528, 646, 867-8 e 948; GILLOW, pp. 455-7; CROFT, p. 246; NORRIS, p. 19; ROSENTHAL, p. 10.

qual não incluímos de forma exaustiva referências a todos os presidentes do Colégio de S. Pedro e S. Paulo. (34)

Deste modo, dirigimos de imediato a nossa atenção para o 8.º Presidente do Colégio, o Dr. Thomas Godden, cujo verdadeiro nome era Tylden. (35) Sucedendo ao Dr. Francis Clayton, a sua presidência, entre os anos de 1655 e 1661, marca o início da época áurea do colégio. Além da credibilidade e estabilidade financeira, concedeu a esta instituição um maior prestígio. O Dr. Godden, contemporâneo de Russell, demitiu-se do cargo quando, em 1661, foi nomeado Capelão e preceptor da Princesa Catarina de Portugal. Como vimos, acompanhou-a como capelão no ano seguinte a Inglaterra, onde morreu em 1688. Em testamento, deixou ao Colégio uma grande parte dos seus bens.

Quando Catarina de Bragança deixou a Inglaterra em 1692, regressando a Portugal trinta anos depois de ter partido, Francis Nicholson fazia parte do grupo que a acompanhava, tendo-se revelado um importante benfeitor do colégio, a quem legou todas as suas propriedades, incluindo a Quinta da Pera, assim designada pela abundância desses frutos, que se tornou o local de férias para os seminaristas residentes em Lisboa.

Ainda no séc. XVII, devemos salientar John Robinson (CROFT, p. 245), que chegou ao colégio em 1635, tendo sido nomeado cônsul britânico na corte portuguesa em 1644, cargo que ocupou durante cinco anos; e John Sergeant (CROFT, pp. 248-49), nascido em 1623 e especialista em controvérsia pública, sendo autor de muitas publicações.

Na segunda metade do século, salientamos Edward Barlow, inventor do relógio de pêndulo, que ofereceu a Charles II.

Nos inícios do séc. XVIII, o Rev. Edward Jones, eleito 11.º Presidente em 1706, quis melhorar o Colégio. Pelo testamento do fundador, como sabemos, o direito de *patronage* do seminário tinha sido entregue à Misericórdia. Caso o Colégio encerrasse, todas as propriedades seriam entregues à Misericórdia, que estava incumbida de o manter em bom estado, o que não acontecia. Finalmente, ambas as partes envolvidas na questão, conseguiram chegar a um acordo. Foi na presidência de Jones que se iniciou em 1714 o novo edifício.

Em 1729, o Padre John Manley foi nomeado 12.º Presidente, cargo que exerceu durante dois períodos, iniciando-se o segundo em 1739 e terminando em circunstâncias trágicas em 1755.

O Terramoto de 1755 destruiu o pouco que restava do Colégio inicial e danificou as novas construções. Quer o terramoto quer a

(34) Na obra já citada de CROFT podem ser encontradas informações relativas a todas as presidências do Colégio, desde a sua fundação até aos inícios do século XX. Complementarmente pode ser consultada a obra *English College, Lisbon*, que inclui uma listagem exaustiva dos presidentes para o período compreendido entre 1627 e 1943.

(35) V. CROFT, pp. 258-259. Nestas páginas, para além da breve nota biográfica, o autor remete para consulta do *Bibl. Dict. Engl. Catholics* no sentido de serem identificadas as várias obras da autoria de Tilden.

morte do Presidente, aos 75 anos, nos escombros, ficaram registados nos Anais do Colégio, dos quais retirámos os seguintes excertos:

In the year 1755, the first day of November at ten of the clock in the morning, the city of Lisbon was shaken by a severe and unforgettable earthquake.

[...] The new house resisted the shocks and suffered little damage, the old part with the tower collapsed and there the president, Dr. Manly [*sic*] met a premature death. [...](³⁶)

Júlio de Castilho dedicou algumas palavras ao sucedido:

No Colégio dos Ingleses de S. Pedro e S. Paulo morreu o seu antigo Presidente, o qual, indo fugindo pela porta fora, caiu a torre do sino e lhe tirou a vida. (³⁷)

Os residentes britânicos em Lisboa contribuíram monetariamente para a reconstrução do Colégio, mas, por falta de meios, alguns corpos do edifício permaneceram parcialmente destruídos até 1794 (cf. ANÓNIMO, p. 14) embora João Baptista de Castro escreva em 1763: “A ruína que padeceo com o terremoto, se acha já recuperada” (p. 381). Também Araújo diz: “O Terramoto fêz no edifício estragos de vulto, mas prontamente remediados” (p. 35).

O lance de escadas conducente à Capela foi construído ainda no séc. XVIII pelo governo português como compensação por certas terras que o Marquês de Pombal tinha expropriado ao levar a cabo os melhoramentos da cidade após o terremoto.

São ainda de salientar, em relação a este período, personalidades como Jerome Allen e John Preston, que se tornaram amigos pessoais da Família Real. O primeiro, cujo pai, português, esteve ligado à Embaixada portuguesa em Londres, foi, em Portugal, tutor do Príncipe D. José. (³⁸)

Por seu turno, Preston, que se distinguiu nas ciências, introduziu Newton em Portugal, sendo muito apreciado por D. José I e pelo Marquês de Pombal.

Allen tratou da ida de estudantes de medicina para Edimburgo à guarda do Bispo Geddes. No início do século XIX, graças à influência do Padre Allen, que se notabilizou como retórico e cientista, o Colégio foi reconstruído e alargado por conta de D. Pedro III, chegando a albergar 40 estudantes, além dos *Superiors* e *Masters* (NORRIS, p. 18). Ao Rei se deve também a construção do observatório, local onde Allen colocou instrumentos astronómicos e que proporcionava uma excelente vista sobre a cidade. Diz-nos Croft: “[...] one of the most

(³⁶) *Apud* ANÓNIMO, pp. 13-14; o *sic* é da nossa autoria. Para alguns pormenores sobre a presidência e morte de Manley, ver SHARRATT, pp. 12-16.

(³⁷) In *Narração*, p. 32, reproduzido in *Lisboa Antiga*, p. 321. Manley foi sepultado na capela, tal como acontecera anteriormente a Newman e Heynes.

(³⁸) A este propósito refira-se que in *English College, Lisbon*, p. 14, se diz que D. Pedro III nomeou Allen tutor do príncipe José, vindo depois Preston a substituí-lo; NORRIS, p. 20 diz que Preston foi nomeado tutor do jovem Príncipe do Brasil.

magnificent views in Europe. The object proposed in its erection was to form an astronomical observatory in the strict sense of the term "(p. 104). É ainda a Allen que se atribuem as primeiras experiências de balão com algum êxito no nosso país. (39)

A localização privilegiada do Colégio na zona do Bairro Alto é uma indicação recorrente. Podemos evocar Freire de Oliveira (pp. 8-9), que nos fala da importância da chamada Travessa das Bruxas, adjunta ao Colégio, e do seu mirante. É de destacar a referência ao recurso ao vereador Pedro de Pina Coutinho para manter essa travessa como espaço livre para circulação no séc. XVIII (*Ibidem*, p. 9). Foi o que sucedeu, "por exigências do trânsito e comodidade dos padres dos Caetanos e de S. Pedro e S. Paulo", ficando o local conhecido como Travessa dos Inglezinhos, ligando as Ruas da Atalaia e da Rosa. (40)

A Guerra Peninsular afectou igualmente a evolução do Colégio, tanto no sentido negativo como no positivo. Nos finais de 1807, o exército francês, comandado por Junot, invadiu Portugal. Consta até que o próprio Junot terá residido no edifício do Colégio dos Ingleses durante parte da ocupação. Alguns seminaristas regressaram a Inglaterra, mas o Presidente, James Buckley, 16.º Presidente, exercendo o mandato de 1806 a 1818, e os Superiores permaneceram em Lisboa, e o colégio foi ocupado pelos invasores, abrigando cerca de 250 soldados e 13 oficiais, ficando os seminaristas e professores confinados ao segundo andar do edifício. Apesar de alguns incidentes, o comandante francês e o velho Padre Allen mostraram grande diplomacia, sendo os ingleses tratados com respeito. (41)

Muitos colégios no continente foram fechados em consequência das Guerras Napoleónicas (NORRIS, p. 18). Em Portugal, depois da ocupação francesa do Colégio durante nove meses, antes da segunda invasão, comandada por Soult, os Superiores decidiram, por razões de segurança, fechá-lo e enviar os alunos temporariamente para Inglaterra. Em contrapartida, abriram uma Academia Anglo-Portuguesa para jovens leigos portugueses, que funcionou com grande sucesso durante cerca de sete anos, até à reabertura do Colégio em 1814, ano em que os seminaristas começaram a regressar a Lisboa (NORRIS, p. 19; ANÓNIMO, p. 16).

(39) Para mais pormenores sobre as sucessivas alterações, nomeadamente em 1857 e 1896, ver NORRIS, p. 18.

(40) Cf. ARAÚJO, p. 36. Para mais pormenores acerca do espaço físico em que se constitui o colégio poderão ser consultadas as seguintes obras: OLIVEIRA, p. 8, sobre o mirante; ARAÚJO, p. 36, sobre a igreja; LIMA, pp. 106-7, sobre a igreja, o mirante e a excelente vista sobre o rio; TOLE, p. 28, sobre o edifício, igreja aberta ao público e observatório, do qual se tem a melhor vista de Lisboa.

(41) Por exemplo, num certo jantar em conjunto, os franceses beberam à saúde do rei George e os ingleses à de Napoleão. Para mais pormenores sobre o ocorrido, ver *English College, Lisbon*, pp. 15-16; NORRIS, pp. 18-19, que refere ainda o número de 280 soldados e 12 oficiais; e TOLE, p. 27. Ocorreu igualmente um episódio engraçado entre o cozinheiro e um soldado francês que resolveu exercer os seus dotes culinários, registado por ROSENTHAL, p. 10.

Durante a ocupação de Lisboa pelos franceses em 1807, os cidadãos britânicos foram presos e os seus bens confiscados. Contudo, por intercessão do Núncio Papal, o colégio, embora confiscado, permaneceu sob administração das autoridades do instituto, e embora professores e alunos fossem declarados prisioneiros de guerra, podiam passear livremente pela cidade.

Posteriormente, por volta de 1834, o Colégio tinha atingido um prestígio tal que as famílias portuguesas mais abastadas começaram a pretender que os seus filhos aí fossem instruídos, dada a rígida disciplina e conduta exemplar, tanto a nível docente como discente, que aí se praticava, e que o distinguiam dos outros estabelecimentos de ensino em Lisboa. A este facto ficou a dever-se a elaboração das alterações aos estatutos iniciais. Assim, em 1840, foram publicadas por José Maria de Sousa e Gomes e nelas se contemplam a existência de alunos externos e as matérias a serem estudadas.

Em 1855-6, o Colégio aumentou o seu património, no respeitante a casas de campo, acrescentando à antiga Quinta da Pera, na margem sul do Tejo, a aquisição da Quinta da Ponte em Luz, situada entre Benfica e o Lumiar. Além de produzir vinho para o altar, a Quinta da Ponte era utilizada sobretudo para praticar desporto, uma vez que o espaço no Colégio era muito limitado (ANÓNIMO, pp. 16-19; TOLE, p. 28; ROSENTHAL, p. 10).

Um acontecimento histórico do século XX, com repercussões na vida do Colégio, foi a implantação da República em Portugal em 1910. No seguimento da reacção anti-clerical que se fez sentir, ⁽⁴²⁾ muitos estabelecimentos eclesiásticos foram confiscados ou encerrados, e foi proibido que os clérigos utilizassem hábitos nas ruas. No entanto, por intervenção do Governo Britânico, o Colégio dos Inglesinhos não sofreu alterações e os estudantes não foram incomodados, mesmo se passeassem na cidade com os seus hábitos. ⁽⁴³⁾

O hábito do Colégio era familiar aos lisboetas, pois era tradição, pelo menos desde 1635, os estudantes passearem pelas ruas de Lisboa aos pares. Em ocasiões formais, utilizavam uma faixa de tecido vermelho sobre os ombros. A ponta mais larga simbolizava o remo de S. Pedro, enquanto a mais estreita evocava a espada de S. Paulo, os dois santos a quem o colégio foi dedicado.

Com efeito, o próprio diminutivo "inglesinhos", tantas vezes por nós também utilizado, surge na linha do manifesto carinho que os lisboetas nutriam pelos jovens missionários apostólicos: "They are a familiar sight to the citizens, with whom they are popular" (TOLE, p. 28), por quem sentiam ainda grande respeito e admiração: "Os estudantes que se tornaram característicos em Lisboa com suas

⁽⁴²⁾ Após a derrota de D. Miguel pelo seu irmão D. Pedro em 1834, tinham sido extintas as ordens religiosas em Portugal, e as únicas pessoas no país autorizadas a usar o hábito religioso foram os estudantes do Colégio dos Ingleses.

⁽⁴³⁾ O Colégio ficou isento da Lei da Separação. Deve acrescentar-se que todas as outras instituições religiosas estrangeiras beneficiaram de privilégios similares por parte de República portuguesa — cf. ROSENTHAL, p. 10.

“estolas” vermelhas sobre a batina negra — em regra altos, alourados, discretos, indiferentes [...]” (ARAÚJO, p. 36).

Os mais diversos autores são unânimes em salientar a disciplina e rigor das liturgias, confirmando a visão favorável dos portugueses sobre os jovens seminaristas. Lembremos as palavras de Castilho (p. 322):

Praticam-se também naquela casa todas as virtudes cristãs; o bom exemplo mantém-se como tradição nunca interrompida. É belo ver aqueles estudiosos e sizudos mancebos, vindos de tão longe, e respeitados de toda Lisboa, começarem tão cedo e tão bem o aprendizado do viver!

O número de seminaristas no Colégio de Lisboa variou consideravelmente ao longo do século XX, sobretudo nos períodos de maior convulsão política. No final da Grande Guerra só restavam três estudantes, ao que se seguiu um grande fluxo de novos alunos, mas durante a 2.^a Guerra o número voltou a ficar reduzido a catorze. (44)

O colégio desempenhou sempre, desde o início, a sua função no sentido de preservar a fé católica, mas, e tal como Prestage refere na obra *O Dr. António de Sousa de Macedo, residente de Portugal em Londres (1642-1646)*, esta figura proeminente da sociedade portuguesa era da opinião de que os católicos ingleses eram partidários de Castela, sentimento generalizado e que se fazia sentir em Lisboa. Embora recaíssem sobre o núcleo de responsáveis pelo colégio sérias suspeitas neste sentido, nada pudemos apurar que as justificassem.

Contudo, não nos podemos abstrair dos problemas religiosos e políticos da Inglaterra seiscentista, que a tinham oposto a Portugal, subjugado a Espanha durante o período filipino. É de salientar que, na data da fundação do Colégio dos Ingleses, o monarca britânico era Charles I, e em Portugal reinava Filipe III, IV de Espanha.

Por outro lado, a mais antiga aliança do Mundo, celebrada entre Portugal e a Inglaterra em 1373, tinha atravessado momentos de crise no século XVI que se prolongaram até ao século XVII. De facto, a época isabelina tinha vivido intensamente a afirmação nacionalista por meio da religião anglicana e da conquista dos mares. Por isso os portugueses, além de católicos, eram encarados como aliados mais fracos na luta contra a Espanha, situação que se agudizou em 1580 com a anexação política que associou Portugal ao inimigo espanhol.

Com efeito, o período entre 1580 e 1640 não favoreceu a Aliança luso-britânica, embora a restauração da independência portuguesa tenha reforçado as relações comerciais entre os dois países:

(44) O acesso a listas de alunos desde a fundação, apesar de lacunas sobretudo no século XVIII, é facultado pelo Registo de Gillow, in CROFT. Algumas das principais directrizes do colégio são fornecidas por NORRIS, p. 20. e LIMA, p. 106. A informação de que em 1940 existiam em Inglaterra cerca de 130 padres que se tinham formado no Colégio de Lisboa é transmitida por ROSENTHAL, p. 10.

In 1640, Portugal freeing herself from the long Spanish domination, there is a marked improvement in British trade relations, for the merchants benefit by a more favourable treaty under King D. João IV.

(WALFORD, p. 26)

Sendo preponderantes as cláusulas comerciais, a Feitoria Inglesa em Lisboa desempenhou seguramente um papel decisivo. Devemos contudo acrescentar que a investigação acerca da Feitoria Inglesa apresenta as lacunas já anteriormente enunciadas, pois não existe uma lista completa dos seus membros. (45)

Charles II interessou-se particularmente pela Feitoria do Porto (cf. DELAFORCE, p. 10), que, na época, se debatia com alguns problemas. Ao desposar Catarina de Bragança, o monarca inglês tornara-se cunhado do Príncipe Regente, que em 1683 viria a subir ao trono como D. Pedro II. A situação favorecia, pois, o entendimento entre os monarcas de ambas as nações, ensombrado até então por questões políticas.

Os privilégios concedidos aos mercadores ingleses pelo tratado de 1654 estavam a ser contestados pelas autoridades locais. Com o apoio da Inquisição, obrigaram o *Minister* da Feitoria a não pregar nem exercer a religião anglicana, o que provocou grande celeuma, uma vez que no período antecedente a 1654 tinha sido permitido aos ingleses o livre exercício da sua religião, sem interferência da Inquisição, através de um acordo celebrado por Charles I e D. João IV em 1640. No entanto, este tratado não foi considerado válido pelas autoridades religiosas portuguesas.

Por outro lado, D. João IV pedira discrição e o exercício privado do culto, de forma a não escandalizar os súbditos portugueses, norma que teria sido quebrada, visto que em 1684 Fanshawe, figura a que mais adiante daremos especial relevo, escrevera em Lisboa: "the English in Oporto had been very indiscreet about their Burials lately. Previously they had been conducted privately". (46)

A relação pessoal íntima entre as duas famílias reais contribuiu para ajudar a preservar a independência e privilégios dos britânicos em Portugal. Costuma atribuir-se a data de 1658 à fundação da Feitoria em Lisboa, embora em 1633 já se encontrem referências a um cônsul em Lisboa e ao seu auxílio aos mercadores. (47)

Diversas datas são também apontadas para a fundação da Feitoria do Porto, entre finais do século XVII e inícios do século seguinte, sendo frequentemente escolhida 1727. (48)

(45) Segundo WALFORD, podem ser encontrados alguns dados no *Hospital Minute Books*, datado de 10 de Fevereiro de 1803. Para o encerramento da feitoria de Lisboa, ver, por exemplo, JAYNE, p. 4.

(46) *Apud* DELAFORCE, p. 10.

(47) Para mais pormenores, ver DELAFORCE, p. 11.

(48) Cf. DELAFORCE, p. 17, que considera errada a data de 1727 mas não indica a correcta, possivelmente 1671, quando foi nomeado o 1.º capelão. Ver ainda PENTIN,

Em 1660, Charles II restaurou a monarquia inglesa, e, nessa década, o Colégio dos Inglesinhos foi cenário de importantes manifestações culturais integradas no ambiente festivo que rodeava o casamento do novo monarca britânico com a infanta portuguesa. (49)

O colégio sempre deixou transparecer um forte pendor como centro cultural britânico em Lisboa, traduzido pela acção directa de provas literárias dos seus próprios estudantes. É Pires de Lima quem refere:

Sam compostos, modestos e de muyto bom ezemplo. No estudo dam muyto boa conta de si, fazendo progresso nas letras, de que fazem prova nos actos literarios que defendem.

(LIMA, p. 107)

Das diversas iniciativas e realizações literárias na época, sob a presidência de John Barnsley (50) destacamos a declamação de versos na biblioteca do colégio. Como convidado de honra, encontrava-se presente *Str* Richard Fanshawe (1608-1666), diplomata, poliglota e poeta. O seu interesse por Portugal, país voltado para feitos marítimos, tal como a Inglaterra, manifestara-se desde muito cedo. Já em 1623, visitara Madrid onde aprendeu a língua castelhana, o que lhe facilitou a posterior aprendizagem de português. Exerceu funções de secretário da Embaixada inglesa na capital espanhola, a partir de 1635. Fiel *Royalist*, regressa a Inglaterra quando estala a guerra civil, tomando o partido de Charles I e desempenhando importantes missões diplomáticas em Espanha e França, as grandes potências monárquicas e católicas, no sentido de obter auxílio para o Rei. Tendo sido feito prisioneiro pelas forças de Cromwell após a morte deste, em Outubro de 1658, junta-se a Charles II em Paris, onde acompanha os preparativos para a restauração da monarquia. Pouco depois, o novo Rei inicia conversações para contrair matrimónio, e o prestígio de Fanshawe permite-lhe ser indigitado como emissário real. Em 1661 é enviado a Lisboa, com uma carta e um retrato de Charles II, permanecendo na Corte portuguesa de Setembro a Dezembro desse ano para tratar das negociações de casamento entre o monarca inglês e a infanta portuguesa. De regresso a Londres, é escolhido para receber Catarina quando esta desembarca em Portsmouth em 24 de Maio de 1662 e desempenha o cargo de Embaixador na Corte de Lisboa entre 1662 e 1663. Regressa novamente a Portugal em 1665, em missão diplomática, pois na altura era Embaixador acreditado na Corte de Madrid onde viria a falecer.

A sua descoberta de Luís de Camões terá sido consequência da publicação da edição de Faria e Sousa em Madrid, em 1639. Embora actualmente seja lembrado sobretudo como intermediário no casa-

Canon H., "The British Chaplaincy at Lisbon", in *The Anglo-Portuguese News*, n.º 21, ano I, 25 December 1937, p. 6.

(49) V. Apêndice I.

(50) Pseudónimo de John Perrot, o presidente que sucedeu a Godden, exercendo o mandato entre 1662 e 1672. Ver CROFT, p. 239.

mento real, na área das Letras ocupa um lugar de relevo, por ser autor da primeira tradução inglesa de *Os Lusíadas*, em 1655. ⁽⁵¹⁾

A Inglaterra é, assim, a segunda nação estrangeira (a primeira foi a Espanha) a conhecer o poema épico português. O desconhecimento da obra e do seu autor nos círculos literários ingleses da época pode ser explicado por motivos de ordem linguística e político-cultural. No séc. XVII, a importância da língua portuguesa a nível comercial estava plenamente reconhecida. O conhecimento do português, considerado fundamental para os marinheiros e mercadores, não abrangia, contudo, as áreas do saber erudito e poético. O próprio Richard Fanshawe estranha que se encontre um poeta como Camões e um tesouro como *Os Lusíadas* "in so uncourted a language, as that of Portugall". ⁽⁵²⁾

É na presença deste ilustre diplomata e divulgador do nome de Camões que é declamada uma longa composição em verso por dois seminaristas do Colégio dos Inglesinhos. ⁽⁵³⁾

Trata-se da segunda mais antiga composição inglesa em honra do poeta português, depois de o próprio Fanshawe ter incluído na sua tradução o soneto "Spaine gave me noble Birth: Coimbra, Arts", que inicia a tradição das composições encomiásticas, alusivas ou inspiradas em Camões, em língua inglesa.

O longo diálogo entre as personagens "Estudante" e "Génio de Camões" é bastante rico em alusões posteriormente retomadas por diversos encomiastas. O Camões celebrado é o poeta épico que imortalizou o Gama através de *Os Lusíadas* (versos 22-26), um Camões idoso (vv. 33-37) e cego em consequência da sua vivência como soldado (verso 38). O próprio Camões dirige um encómio a Fanshawe, também ele cavaleiro e poeta (vv. 46-52), elogiando de forma indirecta a tradução que o salvou do esquecimento (vv. 57-58). Faz também o elogio aos ingleses (vv. 27-31) e à língua inglesa (vv. 65-66). Igualmente interessante é o facto de o poeta ser apresentado como motivo de admiração por parte de Portugal e de inveja por Espanha (vv. 11-14), ideias simultaneamente diferentes e semelhantes às expressas no soneto laudatório de Fanshawe. Com efeito, são raras as referências à admiração da Pátria em relação a Camões, sendo este o único exemplo que possuímos nesse sentido. ⁽⁵⁴⁾

⁽⁵¹⁾ *The Lustad, or, Portugals Historicall Poem: Written in the Portingall Language by Luis de Camoens; and now newly put into English*, London, Humphrey Moseley, 1655.

⁽⁵²⁾ "The Epistle Dedicatorie", in *ibidem*.

⁽⁵³⁾ Geoffrey Bullough, ed., "Verses spoken in the Library of the English College by two young students (one where of represented the Genius of Camoens) to Sir Richard Fanshaw Envoy Extraordinary from his Majesty of Great Britain to the Court of Portugal, &c.", in *Lutz Vaz de Camoes, The Lustads. In Sir Richard Fanshawe's Translation*, London, Fontwell, 1963, pp. 349-352. O original encontra-se manuscrito, no código n.º 3096 do vol. "Original Documents Relating to Charles II", Colecção da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, informação que recolhemos em *Catálogo: Camoniana Inglesa da Biblioteca do Instituto Britânico*, Lisboa, Instituto Britânico em Portugal, 1972, p. 13. Dada a extensão do texto, transcrevemo-lo no apêndice II, acrescentando a numeração dos versos para facilitar o comentário.

⁽⁵⁴⁾ V. Iolanda Freitas Ramos, "Camões: perfil encomiástico em inglês", in *Camões em Inglaterra*, Lisboa, ICALP, 1992.

Embora a composição constitua uma homenagem ao poeta português, tem como tema principal o casamento de Charles II com Catarina de Bragança (vv. 70 ss), utilizando Camões como encomiasta desse tema (verso 95). Podemos dizer que reflecte os fortes laços entre o mundo da política e da diplomacia e o mundo da literatura e da cultura, representados em concreto no triângulo formado pelo par real anglo-português, por *Sir* Richard Fanshawe e por Luís Vaz de Camões.

A contribuição cultural do Colégio dos Inglesinhos não deve nunca ser esquecida. À semelhança do que acontecia com os outros colégios, também o de Lisboa possuía um periódico, apropriadamente intitulado *The Lisbonian*. Dirigido pelos estudantes, foi publicado em duas séries, a primeira de 1 de Novembro de 1863 a 6 de Abril de 1864, e a segunda de 1907 a 1971, e era vendido ao público. ⁽⁵⁵⁾

Embora não fosse propriamente um periódico literário, dava conta de notícias relacionadas com o Colégio, a comunidade britânica em Lisboa e acontecimentos de ordem vária. Foi a publicação de maior duração, embora tenham existido outras anteriores, manuscritas, para circulação interna, sobre a vida académica do Colégio.

O "Editorial" de 1967 (vol. XXXI, June 1967, n.º 3, pp. 9-10) marca o Jubileu de Diamante do periódico, do qual apresenta um breve historial. Antes de 1907 existia uma longa série de periódicos do Colégio desde 1829. Aliás, o nome "Lisbonian" foi utilizado pela primeira vez em 1863 para um *College Magazine* dedicado principalmente a escritos de natureza literária. ⁽⁵⁶⁾ O primeiro número da actual série chamou-se "The Neo-Lisbonian" para se distinguir do antecessor, mas desde 1907 o periódico seguiu as linhas traçadas pelo fundador: "to link together the useful and the pleasurable by recording in writing and thus embalming for ever facts and incidents in times past and present in reference to the English College, Lisbon." (*ibidem*, p. 9)

The Lisbonian permite assim aceder a um manancial de informações. A título de exemplo, encontram-se fotografias e notícias sobre a Quinta da Pera e alunos que dela desfrutavam; ⁽⁵⁷⁾ as alterações na Quinta da Ponte em Luz e Quinta da Pera estão registadas nos artigos "Changes at Luz" e "... And at Quinta Pera" (vol. XXX, June 1966, n.º 1, pp. 36-37) e o pequeno artigo "The Quinta de Luz", dá conta de quando deixou de ser usada como residência de Verão (vol. XXX, December 1966, n.º 2, pp. 27-28).

Dos inúmeros artigos dando conta das actividades, realizações e historial do Colégio, destacamos: "Lisbon in Retrospect"; ⁽⁵⁸⁾ "Edward

⁽⁵⁵⁾ Pode ser consultado na Biblioteca Nacional de Lisboa. Para um estudo monográfico sobre o periodismo estrangeiro em Portugal, ver João Paulo Pereira da Silva, *The Lusitanian (1844-45), Temas e Mitos Portugueses numa Revista Inglesa do Porto*, tese de doutoramento em preparação.

⁽⁵⁶⁾ Na sequência da tradição que enquadrara os "Verses".

⁽⁵⁷⁾ Vol. XXVII, 1960, n.º 2, pp. 37-39. Na p. 10 encontramos igualmente a reprodução do painel de azulejos de S. Pedro e S. Paulo, existente no refeitório. Todos os volumes apresentam na capa ou na contra-capa o brasão de Coutinho.

⁽⁵⁸⁾ Vol. XXVII, 1960, n.º 2, pp. 55-56: recensão do livro *Lisbon* do Rev. J. Tole, 1959.

Booth alias Barlow"; ⁽⁵⁹⁾ "Historical Letters (vol. XXX, December 1966, n.º 2, pp. 45-52), cartas de Joseph Harvey, *alias* Haynes, para Will Newman, 29 June 1627 e 10 Nov. 1627 (pp. 45-48) de William Newman para o Bispo Smith, 3 March 1629, e de Richard Smith, Bispo de Chalcedon, a William Newman, 12 May 1629 (pp. 49-50) e que nos parecem fundamentais por evocarem as próprias palavras de intervenientes directos na fundação do colégio; damos igualmente realce às "Historical Letters" que reproduzem uma carta de Thomas Hall a Richard Moseley, datada de September 25, 1684 (vol. XXXI, December 1967, n.º 4, pp. 53-56) e uma carta de John Manley, escrita em Lisboa a 15 de Outubro de 1755, duas semanas antes do terramoto e da sua morte (vol. XXXI, June 1967, n.º 3, pp. 62-63).

Diversos volumes registam ainda as Assembleias Gerais da Lisbonian Society no K. S. C. Club em Londres, datando a primeira Assembleia Geral de 1877, e que não podemos deixar de salientar, visto que a Lisbonian Society desempenhou um papel preponderante na evolução e encerramento do Colégio, como oportunamente iremos referir.

Mais recentemente, uma época a destacar é a comemoração do tricentenário do Colégio, em 1922, com as figuras e acontecimentos que lhe estão relacionados. O Cardeal Bourne, então Arcebispo de Westminster, visitou Portugal para presidir às comemorações.

Em 1 de Novembro de 1937, o Rev. John Cullen, Presidente na época e desde 1919, celebrou o 25.º aniversário da sua ordenação e foi nomeado *Protonotary Apostolic* pelo Papa. Em sua honra, amigos, antigos alunos e outras pessoas interessadas no colégio, tanto inglesas como portuguesas, angariaram uma soma suficiente para adquirir e instalar belos azulejos no *hall* e escadaria, ilustrando cenas da vida de S. Pedro e S. Paulo. ⁽⁶⁰⁾

As dificuldades sentidas nos últimos tempos antes de o Colégio fechar são-nos transmitidas por *Monsignor* James Sullivan, o último Presidente (eleito em 1947), num "Statement to the Lisbonian Society" proferido em Londres no dia 3 de Julho de 1973. ⁽⁶¹⁾ Nessa reunião, Sullivan clarificou alguns pontos sobre as alternativas postas a votação em Janeiro pelos membros da Sociedade e que diziam respeito ao futuro do Colégio em Lisboa, antes da reunião dos bispos em Fevereiro e da decisão de Roma, ainda não tomada.

Em Agosto forneceu mais alguns elementos (*ibidem*, pp. 5-7). No final do ano lectivo 1970-71 os bispos tinham retirado os alunos do Colégio, e sem alunos não se justificava um periódico estudantil. Por outro lado, assistia-se a uma mudança nos métodos da educação

⁽⁵⁹⁾ Vol. XXVII, March 1962, n.º 4, pp. 45-47, sobre o famoso estudante e inventor de relógios.

⁽⁶⁰⁾ Cf. ROSENTHAL, p. 10 e a notícia específica de ANÓNIMO, "English College, Lisbon", in *The Anglo-Portuguese News*, n.º 18, ano I, 13 November 1937, p. 3.

⁽⁶¹⁾ SULLIVAN, pp. 7-9. O artigo completo intitula-se "The English College, Lisbon", pp. 5-22, e inclui ainda transcrições de algumas cartas relacionadas com o colégio em 1740, 1816 e 1819-1852, pp. 11-22.

seminarista, sendo que os sacerdotes deveriam ser educados e preparados no local das suas missões, ou seja, sacerdotes ingleses deviam ser educados em Inglaterra. A sua resignação pelo encerramento do Colégio transparece em "Reflections on the Closing of the College", em Outubro, depois da decisão tomada pela Santa Sé de encerrar este Colégio Pontifício (*ibidem*, pp. 10-11).

Como ele afirmou em Julho de 1973, "[...] the College possesses books and documents all of us would want to be preserved as relics as well as part of the history of the English College, Lisbon, no matter what happens to the College as a place of education" (*Ibidem*, p. 9). Além da Lisbonian Society, as memórias do Colégio iriam permanecer vivas nos livros e documentos, que deveriam ser preservados.

Tal desejo foi cumprido, uma vez que os arquivos e uma selecção de livros das bibliotecas do Colégio se encontram em Ushaw College, Durham, e os fundos bibliográficos do Seminário, por oferta do Episcopado Inglês, se encontram na Biblioteca da Universidade Católica, em Lisboa, à qual agradecemos a oportunidade de consulta dos fundos, inestimável para a nossa investigação. ⁽⁶²⁾

O Colégio dos Inglesinhos cumpriu o objectivo subjacente à sua edificação, isto é, o de funcionar como seminário de ingleses católicos, que, depois de instruídos como padres seculares, deveriam regressar à Grã-Bretanha incumbidos da missão de reavivar a fé católica no seio de uma comunidade predominantemente protestante, nomeadamente, na Inglaterra e País de Gales pós-Reforma.

Como um dos mais antigos colégios missionários, o colégio de Lisboa prestou assim um grande contributo para a manutenção e defesa da fé católica em Inglaterra nas épocas de perseguição. Foi igualmente fundamental a acção dos padres que desenvolveram a controvérsia religiosa, pois através dos seus escritos, sobretudo nos séculos XVII e XVIII, defenderam os ensinamentos católicos contra os ataques e más interpretações dos protestantes, e, designadamente, dos anglicanos.

A história de três séculos e meio do Colégio dos Inglesinhos em Lisboa está longe de ficar completa. Através do espólio de fundos, livros e arquivos, muito há a dizer da história eclesiástica da Inglaterra e País de Gales, bem como da história cultural portuguesa.

Como James Sullivan afirmou (*Ibidem*, p. 10), citando T. S. Eliot:

[...] to make an end is to make a beginning.
The end is where we start from.

⁽⁶²⁾ Os nossos agradecimentos são extensivos à British Historical Society, que gentilmente facultou o acesso a diversas obras referidas na bibliografia.

APÊNDICE I

Maria da Concelção Emilliano Castel-Branco
Assistente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

D. Catarina de Bragança, filha de D. João, Duque de Bragança e de D. Luísa de Gusmão, nasceu em 25 de Novembro de 1638, no paço ducal de Vila Viçosa, no Alentejo, no dia em que, no calendário cristão, se celebra o dia de Santa Catarina. Era descendente de duas das mais ilustres casas da nobreza peninsular: a casa de Bragança e a de Medina-Sidónia. Foi baptizada a 12 de Dezembro de 1638 na capela do paço, e teve como padrinho D. Francisco de Melo, Marquês de Ferreira, que, mais tarde, viria a ter um papel relevante nas negociações do casamento que a tornaram a primeira rainha portuguesa de Inglaterra.

Em 1640, com a Restauração da independência portuguesa, D. João é aclamado rei de Portugal e a família muda-se para Lisboa. D. Catarina recebe uma educação "igual à que nos conventos recebiam as filhas das maiores casas de Portugal" (RAU, Virgínia, *D. Catarina de Bragança Rainha de Inglaterra*, Coimbra, 1941, p. 8), numa sucessão de "anos serenos e sem história" (*Ibidem*, p. 9) que levam o cônsul Maynard a apontar num ofício para o secretário de Estado em Inglaterra, em 1661, que a princesa "não saía há cinco anos do palácio e talvez nem dez vezes o tenha feito na sua vida" (*Ibidem*, p. 8).

Desde cedo, a infanta D. Catarina se tornou um potencial instrumento para a consolidação e fortalecimento da independência, e para o estabelecimento de relações diplomáticas cordiais, numa política de alianças entre Portugal e os outros países da Europa. Logo após a Restauração, D. João IV enviou embaixadores portugueses às cortes europeias na tentativa de obter o reconhecimento da independência de Portugal e a prestação de auxílio à sua causa. D. Catarina tornou-se, assim, um peão no xadrez da diplomacia do período do pós-Restauração, parte de um projecto de alianças e política de casamentos. Vários foram os pretendentes que se propuseram e as negociações que se iniciaram para o casamento da infanta e, após vários projectos que não vingaram (nomeadamente o do casamento de D. Catarina com

Luís XIV de França), Portugal virou-se para a sua antiga aliada, a Inglaterra. Já em 1644, D. António Sousa de Macedo, diplomata português em Londres, abordara a possibilidade de casamento do futuro Carlos II com uma das princesas portuguesas, o que não teve seguimento. Anos depois, aos primeiros rumores da restauração da monarquia em Inglaterra, D. Luísa de Gusmão, então regente, “apressou-se a enviar uma proposta secreta de casamento da sua filha Catarina com o rei ao general Monck”. (SOUSA, Manuel Andrade e, *Dona Catarina de Bragança Infanta de Portugal Rainha de Inglaterra*, Lisboa, Edições Inapa, 1994, p. 16) e, em 1661, D. Francisco de Melo e Torres, conde da Ponte, embaixador de Portugal em Inglaterra, é incumbido pelo governo português de apresentar uma proposta de casamento, com as consequentes vantagens que nenhum outro país poderia oferecer. Portugal, oferecia dois milhões de cruzados em dinheiro, cedia a praça africana de Tânger e a ilha de Bombaim (cuja posse se tornaria o pilar do império britânico na Índia), autorizava a liberdade total de comércio com as Índias e com o Brasil, para além de outras concessões; pedia em troca o auxílio e a protecção de Inglaterra contra a Espanha e a Holanda e a liberdade de culto religioso para a infanta, entre outras alíneas. Além disso, Carlos II recusava casar-se com as princesas alemãs e, apesar de católica, nenhuma infanta na Europa poderia igualar um dote como o de Catarina. Desta forma, apesar das manobras do conde de Bristol e da acesa campanha espanhola contra a princesa portuguesa, o rei inglês em 8 de Maio anuncia ao Parlamento a sua intenção de se casar: “I will not conclude without telling you some news that I think will be very acceptable to you, [...] I have been often put in mind by my friends that it was high time to marry; [...] I can now tell you, not only that I am resolved to marry, but whom I resolve to marry, if God please [...] It is with the daughter of Portugal. [...] And I make all the haste I can to fetch you a Queen hither, who, I doubt not, will bring great blessings with her to me and you [...]” (BRYANT, Sir Arthur, ed., *The Letters, Speeches and Declarations of King Charles II*, London, Cassell & Company Ltd., 1968, pp. 11-12). Em 26 de Junho de 1661 é celebrado o Tratado de aliança e casamento entre Portugal e a Grã-Bretanha. Carlos II envia a Portugal o embaixador Sir Richard Fanshaw (o primeiro tradutor inglês de *Os Lusíadas*) com o tratado de casamento para ratificação e uma declaração do rei afirmando D. Catarina de Bragança ser sua esposa, acontecimento que suscitou grandes e ruidosos festejos em Lisboa pelo casamento da nova rainha de Inglaterra. Porém, com a demora da esquadra inglesa na tomada de posse de Tânger, Sir Richard Fanshaw é obrigado a deixar Portugal, ficando a incumbência de acompanhar a Rainha a Inglaterra a cargo de Lord Sandwich, embaixador extraordinário, que chega a Lisboa em Março de 1662. A 23 de Abril D. Catarina embarca rumo a Inglaterra e o casamento é celebrado em Portsmouth em 31 de Maio de 1662, primeiro segundo o rito católico, em cerimónia privada oficiada pelo esmoler-mor da rainha, e, depois, segundo a religião protestante, tendo oficiado a cerimónia o bispo de Londres.

D. Catarina de Bragança foi recebida em Hampton-Court e, pouco tempo depois, em Whitehall em Londres, com grandes manifestações de júbilo, aclamações públicas e festejos, como são testemunho os diários da época e a poesia laudatória e panegírica desse tempo. No entanto, a sua vida como rainha de Inglaterra não esteve isenta de contrariedades. A necessária e difícil adaptação a uma corte licenciosa e cheia de intrigas, livre de preceitos morais, tão diferente do ambiente que deixara na corte de Lisboa e para a qual não tinha sido devidamente preparada, foi acompanhada de sucessivas humilhações causadas pela imposição das favoritas do rei como suas damas de honor. A infelicidade de não conseguir levar nenhuma gravidez até ao fim e, conseqüentemente, a ausência de um legítimo herdeiro do trono, aliada ao facto de ser católica e com fortes convicções religiosas, levaram por diversas ocasiões ao surgimento de várias tentativas de dissolução do casamento, baseadas num possível casamento anterior do rei, o que levou Carlos II, por mais de uma vez, a afirmar "I do here declare in the presence of Almighty God, that I never was married nor gave any contract to any woman whatsoever but to my wife, Queen Catherine, to whom I am now married." ("Declaration to all loving subjects, Whitehall, June 2, 1680" in BRYANT, Sir Arthur, ed., *Ibidem*, p. 311). A sua piedade e devoção religiosas, e a sua simpatia pelos católicos em Inglaterra ("The Convent [in Hammersmith] was prosperous beyond expectation, especially through the kindness of Queen Catherine of Braganza, who not only was a frequent visitor there, but also bestowed upon it part of her Royal mansion at Hammersmith." in ZIMMERMAN, Father B., *Carmel in England: A History of the English Mission of the Discalced Carmelites 1615 to 1849*. Drawn from Documents preserved in the Archives of the Order. London, Burns & Oates, Ltd. 1899, p. 302), foram indevidamente confundidas com subversão religiosa, sendo por diversas vezes acusada de ser papista, agente da Santa Sé e, ainda mais grave, acusada na Câmara dos Comuns de conspirar contra o rei e de participar da chamada *Popish Plot*, um dos episódios mais terríveis de perseguição aos católicos em Inglaterra baseado em invenções e falsas declarações: "A monstruosa invenção de uma conspiração dos papistas, que é um dos mais sinistros episódios da História de Inglaterra, e que tanta vítima fez, serviu-lhes de pretexto para acusarem a Rainha." (SABUGOSA, Conde de, *Donas de Tempos Idos*, 5ª ed., Lisboa, Livraria San Carlos, 1974, p. 264.).

A estada da rainha em Inglaterra teve consequências inegáveis a nível político, económico, social, religioso (há autores que atribuem à sua religiosidade convicta e à simpatia de longa data de Carlos II pelos católicos e pela Igreja de Roma, a conversão deste no momento da morte, em que foi recebido na Igreja Católica pelo Pr. John Huddleston, que em tempos lhe salvara a vida depois da batalha de Worcester, antes de partir para o exílio), cultural e literário. D. Catarina suscitou, ao longo dos tempos, opiniões e sentimentos bastante diversos: foi admirada e elogiada por uns, criticada e satirizada por outros, como se pode ver quer em documentos historiográficos quer em textos

literários seus contemporâneos e de períodos posteriores, que estão a ser objecto de estudo numa dissertação de doutoramento em preparação.

Após a morte do rei, em 1685, D. Catarina teve que esperar, por vários motivos e contra a sua vontade, sete anos para regressar a Portugal. Só em Março de 1692 deixou Somerset House, o palácio onde então residia, chegando a Lisboa a 20 de Janeiro de 1693, cidade que não via há trinta e um anos. Durante os doze anos que viveu em Portugal e, apesar dos momentos difíceis que passara na corte inglesa, não deixou nunca de se interessar pelos assuntos britânicos, mantendo relações cordiais com o embaixador inglês Paul Methuen, divulgando as modas e os costumes londrinos, recebendo, sempre que possível, notícias de Londres. Foi regente em dois pequenos períodos dos anos 1704 e 1705, vindo a falecer em 31 de Dezembro de 1705.

APÊNDICE II

VERSES

Spoken in the Library of the English College by two young students (one whereof represented the Genius of Camoens) to Sir Richard Fanshaw Envoy Extraordinary from his Majesty of Great Britain to the Court of Portugal, & c.

Genius: Swifter than the swallow's wing,
Parthian dart or stone from sling,
Or the bullet newly fled
From his flame-environ'd bed,
Come I for to see a Friend
Whom choice Arts and Tongues commend.
Tell me, gentle youth, I pray,
Is my Lord yet gone away?
If he be not (as I fear)
Go and whisper him i'the ear 10
Here's the Genius of a Poet
(This verdant wreath doth show it)
Whom the Portugal admires
And the Spaniard his desires,
Bred up to Mars his Drums, and to the Muses'
Lyres.

Student: Genius, whence come you?

Genius: From Saint Anne's
Where my Mausoleum stands,
Humbly sueing for the bliss
My Lord's honoured hands to kiss. 20
If there's any crave my name,
I it was sang Gama's fame
In such words, and such a strain,
'Twill survive old Time's short reign,
And in my bright *Lusiad* shine
As an adamantine shrine -
Though I also must confess
Much he owes to th'English dress,

Proud of so rich a fashion,
Ne'er known unto our Nation, 30
Which no praise reaches home but admiration.

Student: I am surpris'd? What do I see?
Camoens the Great? No! it cannot be;
Time stole most of his hair away
And dyed his beard a hoary grey.
Chill Age ne'er frosted o'er your crown
Nor Spring adorn'd your chin with down.
One eye he lost in bloody wars;
Your forehead's graced with two twin starrs. 40
To him our dialect was unknown
Yet you pronouce it as your own.

Genius: Suspend your doubts, fond youth;
Time will unravel Truth,
Longer delays I can't allow.
By dints of sacred Laurel on his brow
I Know my honour'd Lord, and must salute him now.

Here the little student retired, and
the Genius advancing forward, after
his Honours to my Lord, made the
following Address:

Sir, whose true worth and far-renowned name
Claims a fair memory 'mongst the sons of Fame,
Whose soul is harmony, in whose candid breast,
Both Mars and Pallas make a sweet contest, 50
And groundedly, since (I myself can show it)
You are both golden Knight and golden Poet;
Pardon my bold intrusion. The Fates doom
Camoens should welcome you unto this room
Which, though thus fraught with books, your
learning can

Swell it into a second Vatican.
How happily am I chang'd, since by your pen,
Rescu'd from death I see the world again,
And heir to Hippolytus's fate am thus
By your life-breathing lines a Virbius. 60
Sorrow, in one night hath made some men grey;
I'm green by th'Antiphrasis of this joyful day.
Nor lack I now an Eye: you've giv'n me one
Out sparkles Argus' hundred all alone -
An English eye, and English tongue so sweet
Phoebus himself might learn to speak by it.
But this is not a time to run upon
Favours peculiar, but that general one
Your presence doth our Nation, since it brings

Joys to the best of Queens from the best of
Kings, 70

And high caresses such whose every line
Welcomer is and wealthier than a mine.
O that your Quill, England's select delight,
Would this Pandora draw in black and white,
Whose priceless worth all other Queens outvies
As far as Sol's noon-star Night's twinkling eyes.
Body and mind she's perfect; in her face
Is writ whole Nature's story join'd with Grace,
To whom Heav'n giving all choice gifts, 'tis fit
They should be shown the world by a heav'nly
wit. 80

Take then the pencil, and a Temple raise
Transcending Spain's and your Escorial's praise.
Then in it place your Queen, and on each side
Raise altars to each virtue of the Bride.
By her, enthron'd in armour all complete
Join hand in hand her Bridegroom, Charles the
Great,

And, whilst amazement makes th' beholders dumb,
Warble a sweet Epithalamium
Unto the Royal Pair; then, mounting higher,
From Poet's fury to the Prophets' quire, 90
Unroll the good yet dark decrees of Fate,
And read these Nuptials truly fortunate.
Great is the theme and great the guerdon which
Your temples with fresh Laurels will enrich.
I sung unto a Nation and a King
Knew not the price of Verse, but you shall sing
To him and her who honour men of parts,
And in this dull-brain'd age encourage Arts.
No more, great Sir. Time calls me to my un -
Yet must I needs profess 'fore I return, 100
The College's resentments, not unable
With choicer viand to set out the table,
Since the best cooks are sick, and, newly rose,
Can hardly dress a homely dish of Prose.
I therefore, who supply their room, request
You'll pardon this my little and ill-dress'd,
And by a glance from your reviving eye
Lend health to their long bedrid Poetry,
Whilst I i'th' Language of a strict embrace
Take leave of you, Chief of the Poet's race. 110

Da veniam subitis non displicuisse merentur
Festinant Fanshaw, qui placuisse tibi.
[Martial]

BIBLIOGRAFIA

- ALLEN, John, "Continuity, 1362-1962", in *The English Hospice in Rome*, vol. XXI, Exeter, Catholic Records Press, 1962.
- ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, Coimbra, Fortunato de Almeida, 1910.
- ANÓNIMO, "English College. Lisbon", in *The Anglo-Portuguese News*, n.º 18, ano I, 13 November 1937.
- ANÓNIMO, *English College, Lisbon*, Lisboa, Bertrand?, s/d. [1943?]
- AVVA, *Camões em Inglaterra*, Lisboa, ICALP, 1992.
- ARAÚJO, Norberto de, *Peregrinações em Lisboa*, Livro VI, Lisboa, Parceria A. M., 1939.
- BAÇAM, Sebastião Joaquim, *Monumentos Sacros de Lisboa e Outras Curiosidades*, Lisboa, Imprensa Commercial, 1910.
- BROCKWELL, Charles, *The Natural and Political History of Portugal*, London, Printed for the author, 1726.
- CARITA, Helder, *Bairro Alto. Tipologias e Modos Arquitectónicos*, Lisboa, CML, 1990.
- CASTILHO, Júlio de, *Lisboa Antiga: o Bairro Alto*, vol. III, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1956.
- CASTRO, João Baptista de, *Mappa de Portugal*, tomo III, Parte V, Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1763.
- COSTA, António Carvalho da, *Corografia Portuguesa e descrição topográfica do famoso reino de Portugal*, tomo III, Lisboa, Off. de Valentim da Costa Deslandes, 1712.
- CROFT, William e Gillow, Joseph, *Historical Account of Lisbon College*, London, S. Anselm's Society, 1902.
- DELAFORCE, John, *The Factory House at Oporto*, London, Helm, 1990.
- DODD, Charles, *The Church History of England, From the Year 1500, to the Year 1688. Chiefly with regard to Catholicks [...]*, Brussels, 1742.

- FOOTE, James (ed.), *The British Historical Society of Portugal. Sixth Annual Report and Review 1979*, Lisbon.
- FOOTE, James (ed.), "From Douai to Lisbon", in *The British Historical Society of Portugal. Sixth Annual Report and Review 1979*, Lisbon.
- FRANCO, Matilde Sousa, *O Colégio de S. Pedro e S. Paulo (dos Inglesinhos) em Lisboa. O Renascer de um espaço*, Lisboa, ed. particular, 1992.
- GILLOW, Joseph, *A Literary and Biographical History, or, Bibliographical Dictionary of the English Catholics. From the breach with Rome, in 1534, to the present time*, vol. V, London, New York, Burns & Oates, 1885.
- GOMES, José Maria de Sousa, *Estatutos do Collegio denominado de S. Pedro e S. Paulo apropriados ao ensino da instrução primária e secundária*, Lisboa, Imprensa Cândido António da Silva Carvalho, 1840.
- HENSON, Edwin (ed.), *The English College at Madrid, 1611-1767*, vol. XXIX, London, Catholic Record Society, 1929.
- HENSON, Edwin (ed.), *Registers of The English College at Valladolid, 1589-1862*, vol. XXX, London, Catholic Record Society, 1930.
- JAYNE, M. S., "The End of the Lisbon Factory", in *The Anglo-Portuguese News*, n.º 46, ano 3, 8 April 1939.
- JOSÉ, Fr. Pedro de Jesus Maria, *Crónica da Santa e Real Provincia da Imaculada Conceição de Portugal*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1760.
- LEAL, Augusto Pinho, *Portugal Antigo e Moderno [...]*, vol. IV, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira, 1874.
- LIMA, Durval Pires de, *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, tomo II, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1972.
- The Lisbonian*, English College, Lisboa.
- NORRIS, Alfred H., "The English College, Lisbon", in *The British Historical Society of Portugal. Sixth Annual Report and Review 1979*, Lisbon.
- OLIVEIRA, Eduardo Freire de, *Elementos para a Historia do Município de Lisboa*, tomo XIV, Lisboa, Tipografia Universal, 1906.
- PENTIN, Canon H., "The British Chaplaincy at Lisbon", in *The Anglo-Portuguese News*, n.º 21, ano I, 25 December 1937.
- PORTUGAL, Fernando e Matos, Alfredo de, *Lisboa em 1758, Memórias Paroquiais de Lisboa*, Lisboa, 1974.
- PRESTAGE, Edgar, *O Dr. António de Sousa de Macedo, residente de Portugal em Londres (1642-1646)*, Lisboa, Boletim da 2.ª classe da Academia das Ciências de Lisboa, vol. X, 1916.

- RIBEIRO, José Silvestre, *História dos Estabelecimentos Científicos Litterarios e Artísticos de Portugal, nos successivos reinados da monarchia*, Tomo III, Lisboa, Academia Real das Sciências, 1873.
- ROSENTHAL, E. M., "Lisbon College (Os Inglesinhos)", in *The Anglo-Portuguese News*, n.º 68, ano 4, 20-7-40.
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *Memória Histórica do Bairro Alto*, Lisboa, 1948.
- SHARRATT, Michael, "Daughter of Douai", in *Ushaw Magazine*, n.º 242, vol. LXXXIV, Dec. 1973.
- A Short History of the Catholic Church in England*, London, Catholic Truth Society, 1895.
- SILVA, José Justino de Andrade e, *Collecção Chronologica da Legislação Portuguesa 1620-1627*, Lisboa, F. X. de Souza, 1855.
- SULLIVAN, James, "The English College, Lisbon", in *Ushaw Magazine*, n.º 242, vol. LXXXIV, Dec. 1973.
- TOLE, Rev. John, *Lisbon*, London, Underhill, 1959.
- WALFORD, A. R. (ed.), *The British Factory in Lisbon & its closing states ensuing upon the treaty of 1810*, Lisbon, Instituto Britânico em Portugal, 1940.
- WEALE, J. Cyril M., *Registers of the Catholic Chapels Royal and of the Portuguese Embassy Chapel, 1662-1829*, vol. I — Marriages, London, Catholic Record Society, 1941.